

Grades e caixas

[*Bars and boxes*]

Ana Paula Pacheco^I

RESUMO • A seção Criação tem por objetivo publicar textos e materiais inéditos de escritores e/ou artistas, fotógrafos, desenhistas, além de documentos inéditos encontrados no Arquivo do IEB/USP. “Grades e caixas”, de Ana Paula Pacheco, reúne dois contos sobre o feminino. Pacheco é escritora e professora de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo. “Pedços de sonho, seguidos de considerações tecidas pelo Urso siberiano” se beneficia de estudos de Freud (1972), e de narrativas de Schnitzler (1987; 2008) e de Nastassja Martin (2021). “Pandora, a barata” incorpora livremente estudos de Erwin e Dora Panofsky (2009). • **PALAVRAS-CHAVE** • Ana Paula Pacheco; contos; literatura brasileira; literatura brasileira contemporânea. • **ABSTRACT** •

The Creation section has the objective of publish unpublished texts and materials by writers and/or artists, photographers, designers, as well as unpublished documents found in the USP IEB Archive. “Bars and boxes”, by Ana Paula Pacheco, gathers two tales about the feminine. Pacheco is writer and professor of Literary Theory and Comparative Literature in the Sao Paulo University. “Pedços de sonho, seguidos de considerações tecidas pelo Urso siberiano” benefits from the studies by Freud (1972), Schnitzler (1987; 2008) and Nastassja Martin (2021). In addition, “Pandora, a barata” freely incorporates the studies by Erwin and Dora Panofsky (2009). • **KEYWORDS** • Ana Paula Pacheco; tales; Brazilian literature; contemporary Brazilian literature.

Recebido em 27 de fevereiro de 2023

Aprovado em 8 de março de 2023

PACHECO, Ana Paula. Grades e caixas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 84, p. 212-218, abr. 2023.



DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i84p212-218>

^I Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

Pedaços de sonho, seguidos de considerações tecidas pelo Urso siberiano

As atividades psíquicas que estão despertadas mais intensamente são as que dormem mais profundamente.
(Freud, 1972)

Eu estava parada no meio do asfalto e não podia acreditar no que via: meu pai tinha acabado de soltar do zoológico um urso marrom, um cachorro do mato e um pangolim. Corriam pelo asfalto na rua X, causando uma particular agitação em frente à Bolsa de Valores de São Paulo, enquanto meu pai e eu observávamos a cena com alguma distância. Na vida desperta ele era menos ousado, engolia os problemas com a fumaça do cigarro e nunca chegava ao ponto de soltar os cachorros em ninguém.

No dia seguinte não pude tirar da cabeça as feras. Por que aquelas e não outras, e por que o pangolim fazia parte da turma que meu pai quis livrar das grades? A mais mortífera das criaturas dóceis ultrapassava o urso e o lobo, acelerando no asfalto com as patinhas transformando-se em rolimãs.

Há anos eu me preocupava com a saúde de meu pai, que sofria de bronquite e quase punha os pulmões para fora na hora de se deitar para dormir. Provavelmente, *eu* o fizera soltar as feras das grades para que o pangolim não ficasse preso conosco no apartamento e não o matasse. No sonho, meu querido pai estava multiplicado, assim como eu, ao seu lado e unida a ele pelo que as imagens diziam de mim. Sim, eu sei, você já me disse que todos os outros do sonho são também eu.

Desde quando comecei a chamar meu pai de cachorrão? Não tenho certeza, acho que desde que fui morar noutra casa. Meu pai era um quase-lobo, administrado pelo trabalho. E também sabia fazer as vezes do pangolim, fumando dois maços de cigarro por dia e trazendo a morte para dentro dos pulmões. Mas o que haveria de meu nas feras e no bicho comestível?

Me lembrei, porém, de ter lido que nos sonhos o mais importante se desloca. Talvez não fosse um sonho de pandemia. Em sua escrita secreta, o centro pode estar nas bordas, nas frinchas, nos fossos – nas fímbrias do esquecido, diria meu quase-lobo. Por que o rebuliço se dava em frente à Bolsa de Valores? Sim, sempre me preocupei com as responsabilidades financeiras do meu pai, carregando, aparentemente sozinho, *não um urso, mas um leão*. Todos os dias, ao chegar em casa, ele fazia a sua cena. Abria a porta do apartamento III onde morávamos, na zona oeste da cidade, as costas um pouco curvas, os braços largados ao longo do tronco, o conjunto equilibrando de um lado um ar de vítima, de outro, uma voz de piadista; então olhava para nós, minha mãe e eu, dando tapinhas com a mão na omoplata esquerda. E lançava suas chamadas: “Tudo aqui, ó, nas minhas costas. Carrego um leão por dia”. Depois me olhava para trocarmos um sorriso gaiato. No sonho ele usava um traje engraçado, como aqueles domadores de circo dos quadros de Seurat, mas não procurava domar nenhum dos bichos: nem as feras, nem a si mesmo, nem o bicho escamoso que eu só tinha visto antes numa foto do mercado de Wuhan, na China,

quando ocorrer a alguém associar o progresso recente do capitalismo asiático (cujo estômago não poupava os bichos silvestres) à pandemia de covid. “Se a culpa é dos chineses”, disse de dentro do sonho o pangolim, apertando os olhos por causa do flash dos celulares, “Se a culpa é deles, não pode ser minha”.

Na alucinação exata do sonho eu livrava meu pai das responsabilidades financeiras que o deixavam doente? Afinal a culpa de morar neste país não era dele, mas também não podia ser minha.

O urso tinha sido mandado ao zoológico depois de arrancar um pedaço da mandíbula de uma etnógrafa parisiense em expedição à Sibéria, embora a vítima tivesse se posicionado contra toda e qualquer punição que buscasse responsabilizá-lo pelo fato de ser um urso. Da planície russa ao zoológico municipal de São Paulo! Era um urso, tanto quanto eu era agora uma etnógrafa quase morta pela curiosidade ao chegar perto demais. Ao mover as patas ele arrastava grossas raízes. Um urso radical, imagino, por colocar à prova dos dentes e das garras a carne que adentrasse seu território voraz. Ao ver-se de fora, coberta de sangue, com alguns tufo de pelo marrom colados ao rosto, a etnógrafa declarou que aquilo era um nascimento, pois claramente não era uma morte. Horas depois do ataque do urso, escreveu nas páginas do livro em que relatou o acontecido que sua pulsação ainda era a de um sonho: “conseguir sobreviver apesar do que ficou perdido no corpo do outro; conseguir viver com aquilo que nele foi depositado”.

Na noite seguinte, meu sonho parecia continuar seu trabalho. Eu corria solitária pela planície russa cercada por vulcões, celebrando a liberdade num outro tipo de aprisionamento. Troquei as barras de ferro do cárcere pela fermentação inexorável dos vulcões. Escuto como a fera. Eu sou a fera.

Olho novamente a cena na qual eu corro e só agora vejo: corro como quem voa; mas não sozinha, como há um segundo. Estou de mãos dadas com o urso; agarro com a minha mão sua enorme pata que me leva por uma paisagem selvagem, sem interdições. Não, você não é tola a ponto de achar que este urso tem patas como qualquer outro. Ele tem mãos enormes e vocês estão enlaçados. Olho novamente e outro segundo depois uma regra foi terrivelmente desrespeitada, “Você passou dos limites”, a boca vermelha de lava me diz, enquanto nos lança da estepe, de volta para o zoológico, onde estamos presos numa cela sem janelas e somos alimentados por uma abertura na porta, rente ao chão. Acordo dentro do sonho para dar um fim ao fim do prazer. O sonho dentro do sonho só pode ser falso, penso – a que desejo poderia corresponder a respiração curta que nos resta nesta cela?

Em segredo o urso me conta que, ao se livrar das grades do zoológico, conseguiu sair também do sonho. E agora você está aqui, ou melhor, eu estou aqui, deitada para que me ouça. Reencontro-o na vizinhança do deserto, de onde nunca deveria ter saído – o rosto que não é meu tem muitas costuras e um maxilar reconstruído. Noto que me faltam as palavras para dizer “amor”, e que estou sem as amarras que no cárcere nos uniram como a distantes estrelas de uma constelação apagada.

O URSO

Eu abocanhei uma parte da mandíbula da humana quando ela me meteu um ferro na cabeça. Olho por olho, dente por dente. Não tive intenção de esfaqueá-la. Se fosse pra valer eu a teria devorado, mas fiz só para assustar, como quando mordei uma frigideira que rapazes do acampamento dos etnógrafos usaram para tentar me pôr pra correr de minha própria casa, assustados que estavam com a minha presença em seu campo de trabalho. A moça se atracou comigo, perdeu a mandíbula no *affair* e, naturalmente, não deixou mais de pensar em mim. Depois escreveu um livro e, pelo que ouço do que você acaba de me relatar, isso mexeu com outras fêmeas. Sou um urso. Um urso que a decifra.

Na planície, poucos meses antes, a etnógrafa chega. Pensa que eu sou o sonho de uma vida toda, como se algum ser pudesse suportar tamanha carga. Porém não se decepciona. Chega mais perto e com um só gesto levanta o corta-vento, o fleece e a blusa térmica; me mostra os peitos como se eu não vivesse em pelos. Ou, pelo contrário, tentando encurtar distâncias. Subitamente, porém, quando também me aproximo (porque seu cheiro é doce e minhas narinas gostam), ela levanta a barra de ferro. Experimento a mordida na direção do seu desejo, mas ela corre, me lançando ao chão. Ao beijar sua boca, suas palavras ficaram em mim. Estudei para compreender sua mente povoada por monstros. A dela, a sua, a dos que se aproximam e se deitam aos meus pés para que eu os ouça. No decorrer dos milênios nosso encontro será esquecido. Por isso tomo notas, para que a ferida não feche sem explicação.

O sonho que você me trouxe emerge dessa cadeia inexplicável de verdades. Existe onde a realidade finalmente pouco importa. Apenas peço que não despreze os limites, bem como os laços, com a vida desperta: desde que seu pai libertou as feras, caí na vida, corri até o limiar do sono e o atravessei. Os vulcões são os meus cachorros, farejam quando vocês se aproximam na ânsia de acabar com tudo que outrora foi chamado de na-tu-re-za.

Enquanto isso lhe devolvo o que me trouxe, registrando por escrito, para que não nos ouçam. Gostaria de pontuar algumas coisas sobre seu sonho:

Primeiramente, até onde me informei, na Bolsa os valores oscilam. Seu sobe e desce (não somos tolos) lembra não só o fluxo do dinheiro, como o movimento dos quadris. Assim como o seu pangolim talvez gostasse de ser chamado pelo nome infantil, quando o “a” dá lugar a outro “i”. Pingolim. Esse pedaço parece condensar valor, sexo e ameaça de morte.

Em segundo lugar, você não parece ter dado bastante importância à fala do pangolim: “Se a culpa é deles, não pode ser minha”. Não me parece verossímil que, na sua cadeia de sonhos, a libertação dos bichos pudesse gerar culpa, exceto... Exceto se a libertação fosse na verdade um aprisionamento, que a fizesse escolher ficar sempre ao lado de seu pai, o lobo guardado, em vez de escolher outro parceiro. Mesmo que esse outro parceiro seja eu. Pode não parecer, mas é um sinal de que esta análise está funcionando. A condensação dos seus pensamentos oníricos – que costuram com uma linha vermelha o apelido de seu pai ao medo da morte desse primeiro amor – se une ao deslocamento de sentido: a libertação da prisão do zoológico pode dar numa rua sem saída, ou numa cela sem janelas, se você não souber compreender

o recado das imagens. O sonho dentro do sonho deseja o que não poderia acontecer, mas também aponta para o princípio de realidade, um contorno que restringe, libertando. O caminho que volta ao ponto de origem foi feito por Édipo muito antes de você. Você bem sabe, e talvez por isso, pela pequena abertura na cela por onde fomos alimentados, tenha levado seu corpo rente ao chão. Estaria *caindo na real*? O sonho diz que há uma encruzilhada. Diante dela você talvez possa escolher entre jamais esquecer o urso ou deixar-me fora disso e simplesmente escrever, no encaixe do sonho de ser escritora, como Nastassja Martin, autora de *Escute as feras* - a qual, como se vê, perdeu a mandíbula, mas te trouxe algumas palavras-chaves.

Dito isso, o Urso contraiu o ventre e, com o dorso um pouco curvado, encerrou a sessão:

– Grrrrrrrrrrrrrr! Paramos hoje por aqui.

Pandora, a barata

Sobre Pandora, a primeira mulher, dão notícias sete mitos:

Segundo o primeiro, ela, a maldade em forma de beleza, abriu a caixa proibida deixando escapar todos os males, que tornaram o mundo infeliz.

Conforme o segundo, não havia nem nunca houve uma caixa para ser aberta. Pandora, feita de terra e água por Prometeu, recebeu todos os dons. Afrodite e Hermes ofertaram-lhe os dons mais nefastos, motivo pelo qual o produto final se revelou *kalòn kakón*, um “belo mal”. Assim, foi considerada a responsável por tudo.

Segundo o terceiro, no decorrer dos milênios se lembraram de que ela, é verdade, não havia aberto caixa nenhuma, mas sim um vaso no qual se guardavam mantimentos, como vinho e azeite, grande a ponto de servir de sepultura aos homens. Com auxílio de uma escada, Pandora, a que nunca temeu alturas, abriu o vaso contendo todos os males e ao fundo a esperança, ali precipitada durante dias e noites, por séculos, séculos e mais séculos. Calamidades escaparam, dispersando-se imediatamente, ao que ela, com o peso de seu corpo, empurrou de volta a enorme tampa, antes que a trabalhosa esperança se desmanchasse no ar.

Segundo o quarto, quem destampou o vaso foi o marido de Pandora, irmão de Prometeu. A narrativa sobre a indócil curiosidade feminina, ao passar pelas mãos fortes e másculas e violentas de Epimeteu, ganhou dignidade, transformando-se na narrativa sobre a escolha trágica de um homem diante da encruzilhada na qual se encontravam o conhecimento, de um lado, o contentamento, de outro. (Pandora nunca acreditou que este fosse oposto àquele, mas deixou que seguissem com suas crenças, pois de todo modo não a deixariam argumentar.)

Conforme o quinto, Pandora fechou às pressas o gigantesco recipiente ao ouvir homens entrando em sua casa. Desse modo, trancou involuntariamente a esperança, da qual o mundo ficou privado. Exausta tanto das acusações, como dos versos em seu louvor, deixou para lá a tampa, o vaso, o marido, os homens.

De acordo com o sexto, a esperança ficou bem guardada, preservando-se dentro do vaso, motivo pelo qual os homens não a destruíram.

Segundo o sétimo, Boccaccio, baseado em Fulgêncio e pretendendo saber mais grego do que de fato sabia, propôs um novo caminho etimológico, no qual “doris”, em vez de “dom”, significava “dor”: a portadora de todos os dons (*omnium munus*) se tornava aquela que traz todas as amarguras. O editor de seu livro, *Genealogia dos deuses*, completou o gesto ignaro – desde então e para sempre impresso na tradição italiana do mito –, errando por uma letra a expressão “*omnium munus*” (dom de todos), então substituída por “*omnium minus*” (desprovida de tudo), “*manca d’ogni cosa*”.

Com a beleza cansada por tanta mentira, supremacia e ignorância, Pandora foi se encolhendo no fundo da caixa, até se confundir com ela.

Há ainda um outro mito, considerado indigno de figurar nos compêndios de mitologia:

Como uma barata, Pandora atravessou cascuda o rio dos séculos, para renascer no século XX – depois de ter sido cancelada no Medievo, confundida a Eva e ignorada pela Renascença italiana (que de outro modo poderia lhe dar a justiça dos meios técnicos racionalizados), transformada em demônio clássico e em demônio romântico – à luz do cinema. O filme sonoro acabara de ser inventado. Eis por que, mais uma vez, lhe tiraram a palavra e a fizeram repetir, numa fita silenciosa, 108 tomadas nas quais abria novamente a maldita caixa.

SOBRE A AUTORA

ANA PAULA PACHECO é escritora e professora de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo (USP). Autora dos livros *Lugar do mito* (Nankin, 2006), sobre a obra de Guimarães Rosa, *A casa deles* (Nankin, 2009), volume de contos, *Ponha-se no seu lugar!* (Ática, 2020), pelo qual recebeu o prêmio Seleção Cátedra Unesco, e *Pandora* (Fósforo, 2023), romance.

anapaulapacheco@usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-6650-8622>

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (volume 1). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

MARTIN, Nastassja. *Escute as feras*. São Paulo: Editora 34, 2020.

PANOFSKY, Erwin; PANOFSKY, Dora. *A caixa de Pandora: as transformações de um símbolo mítico*. Tradução Vera Maria Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHNITZLER, Arthur. *Breve romance de sonho*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHNITZLER, Arthur. O diário de Redegonda. In: SCHNITZLER, Arthur. *Contos de amor e morte*. Tradução George Sperber. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.